

TRIBUNA LIVRE

A Biblioteca Pública de Braga

11
DEZEMBRO
1971

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

Política de Traição

Não pode haver dúvida de que a política da «coexistência pacífica», tal como entendem os países comunistas, continua gloriosamente a sua carreira, secundada na Europa e na América, consideradas imperialistas, pela *Ostpolitik* do chanceler da Alemanha Federal e pela aproximação com Pequime Moscovo que é presentemente o fulcro da política externa do presidente Nixon.

Foi essa teoria política profundamente dissecada em artigos de jornal e em livros por publicistas e escritores de vária nacionalidade, ao ponto de não poder alegar-se desconhecimento do seu verdadeiro conteúdo e dos objectivos dos que a proclamam. Os países comunistas são, em palavras, os maiores defensores da paz — mas daquela paz que o Santo Padre denunciava há dias, a paz dos que promovem a guerra no seio das sociedades; preo-

nizando a luta das classes e dos que fornecem armamento e preparam guerrilhas para desencadear a guerra entre nações.

A sombra da «coexistência pacífica», em que alguns acreditam ou fingem acreditar, os países comunistas vão realizando os seus programas imperialistas, lançando os tentáculos sobre outras nações. No norte de África, o Egipto é hoje um feudo soviético que forneceu à Rússia os meios necessários para se manter firmemente no Mediterrâneo; como a Tanzânia permite aos chineses uma posição segura na África e na parte ocidental do Índico.

Enquanto esta grande política de conquista de novos espaços se desenvolve, não perdem os países comunistas oportunidade de caluniar, insultar e desafiar as nações ocidentais, aproveitando todos os pretextos, alguns verdadeiramente irrisórios.

A propósito do aniversário da famigerada tentativa de invasão da República da Guiné, o sr. Chu En-lai enviou ao sr. SeKou Touré uma mensagem em que o felicita por ter saído são e salvo daquela pretensa «operação de guerra», que diz ter sido preparada pelos países da NATO chefiados pelos Estados Unidos! Têm sido tantas e tão diversas as versões da fantástica «invasão» que o historiador do futuro terá de desistir de descobrir a verdade.

Mais sério, muito mais sério é o informe que nos vem da África do Sul: submarinos soviéticos tentaram desembarcar, na costa atlântica daquele país, no Transkel — região em que os negros obtiveram autonomia administrativa — armas e munições destinadas a guerrilheiros que há cerca de um ano estariam a preparar-se naquele território para combaterem o

(Continua na 4.ª página)

Nomeado director Geral o sr. dr. Teixeira de Matos a quem o concelho deve muito

Por notícia publicada esta semana na imprensa foi tornada pública a nomeação do sr. dr. Teixeira de Matos para Director Geral do Ensino Básico.

Trata-se da nomeação de um ilustre homem do ensino a quem o nosso concelho muito deve, porquanto, o nomeado, na qualidade de Director de Serviços dos Ciclos Preparatórios, que desempenhava até esta data, foi um esclarecido defensor da criação do ciclo preparatório da nossa vila.

A quando de um encontro em Lisboa com o referido Director Geral pudemos saber que estava no pensamento dos Superiores da Educação Nacional fazer das Escolas Preparatórias os futuros Liceus concelhios e, muito brevemente dotar as escolas, como a nossa, com o quarto ano.

Pudemos, até, ouvir, que

dentro de um ou dois anos teríamos o quarto ano.

A escolha ministerial vem dar-nos a esperança de que a orientação pensada vai prosseguir.

Em boa verdade muito terá a lucrar o ensino se em cada concelho se puder ministrar o Ciclo Preparatório com quatro anos.

5.ª COLUNA

Estou quase como aqueles programistas ou publicistas que vêm dizer ao ouvinte ou ao leitor fazer figura a pedido deles; isto é: a pedido dos ouvintes ou do leitor e pespegam-lhe com o mesmo programa ou o mesmo artigo.

Pois hoje, não por perguença, mas pela piada de ser a segunda transcrição seguida, semanalmente, permito-me abusar da paciência do meu leitor. Desculpe-me, mas tem que ser.

Ora leia, faça o favor:

GENEBRA — Os países representados na sessão anual das partes contratantes do G. A. T. T. não conseguiram chegar a um acordo quanto aos métodos destinados a resolver ou a tentar resolver a crise comercial internacional, embora reconheçam a existência duma situação perigosa para o comércio mundial, motivada pela incerteza monetária e pelo desenvolvimento do proteccionismo. soube-se hoje de boa fonte.

Para resolver estas dificuldades, os americanos propuseram a criação imediata de grupos de trabalho encarregados de preparar novas negociações de liberalização liberal. Os Estados Unidos receberam neste sentido o apoio da Suécia, Suíça, Canadá e Austrália.

Em contrapartida, a Comunidade Económica Europeia considera que a actual situação está paralizada em face das disposições proteccionistas anunciadas em 15 de Agosto último pelo presidente Nixon.

Aliás, desde a chegada de William Eberle, representan-

(Continua na 4.ª página)

ALFERES-MILICIANO Morto em combate na Guiné Francisco Lopes Gonçalves Barbosa

Faleceu na Guiné, aonde se encontrava em missão de soberania, o Alferes-Miliciano Francisco Lopes Gonçalves Barbosa, filho do sr. Zacarias Gonçalves Barbosa, soldado da Guarda Nacional Republicana no Posto desta Vila.

Oriundo de família numerosa e com poucos recursos, à sua custa, à custa de muitos sacrifícios dos seus progenitores e da sua inteligência, foi galgando anos de estudo com bolsas que a sua capacidade o permitia; chegando, por moito próprio, a ostentar os galões de Alferes do Glorioso Exército Português com que viria a tombar para sempre.

Ao sabermos do desenlace fatal, ficamos penalizados e tristes, bem como todos os que conheciam as virtudes do jovem oficial e conhecem a honrada e laboriosa família de que o Chico era querido componente e filho mais velho.

Tudo perdeu. Perdeu a família, perdeu o concelho um filho ilustre e perdeu o F.C.A. um atleta que tantas tardes de glória lhe deu e que defendeu com amor e garra até à sua mobilização.

Deus Todo Poderoso, dai o pleno descanso, a bem-aventurança do Céu para este jovem que deu a vida pela vida da Pátria.

A Família em luto Tribuna Livre apresenta sentidas condolências.

* * *

Na passada quarta-feira houve missa na Igreja Matriz pela sua alma, vendo-se o Templo repleto de pessoas de todas as categorias sociais, que no fim apresentaram condolências aos inditosos pais.

Arranquemos para o progresso

Agora que as estruturas estão completas

A eleição das novas Juntas de Freguesia, a constituição do Conselho Municipal e a eleição da Vereação camarária que acabam de processar-se, aliados à recente visita de Sua Ex.a o Senhor Ministro das Obras Públicas, de tão bons resultados, deixam caminho aberto para uma política concelhia de franco progresso.

A homogeneidade dos Corpos Administrativos acima citados fazem esperar que sem mais atritos a vida concelhia se processe numa linha de rumo altamente progressiva.

Bem o merece um concelho que tem caminhado sempre com a lanterna vermelha.

Dêmos todos as mãos, e se é certo que, apesar de tudo, a harmonia político-administrativa que se verifica não pode, como é evidente, agradecer a todos, e muito menos aqueles que nunca estão sa-

tisfeitos seja qual for o Santo da sua devoção, também é certo que a atmosfera é positivamente propícia a um trabalho de equipa numa caminhada segura. Há que arrancar para um progresso rectilíneo, sem adjectivos e sem olhar a queixumes.

Houve tempo em que era um pesadelo cortar um quintal ou um campo para abrir uma rua ou uma estrada, pois era para os proprietários perda irreparável.

Hoje tudo é diferente, pois isso representa o maior benefício que se pode proporcionar aos felizes possuidores desses terrenos.

Sendo assim, não pode o município intimidar-se com velhos do Restelo ou com preconceitos ultrapassados.

Aliás todas as directivas superiores são no sentido duma acção dominante, principalmente no referente a

(Continua na 4.ª página)

Notícias do Canadá

O amigo António Felgueiras em Portugal

Partiu de avião, no passado dia 29 de Novembro, para Portugal, o nosso prezado amigo e conterrâneo Sr. António Felgueiras, natural de Bouro, Amares, e há muitos anos aqui radicado.

No Aeroporto Internacional de Winnipeg muitos foram os amigos que lá compareceram para o cumprimentar e desejar-lhe boa-viagem.

Citar as inúmeras e variadas virtudes deste homem nobre, seria preciso muito papel e tinta, assim como muito espaço no nosso jornal. Se contudo o fizéssemos iríamos incorrer no erro de o sensibilizar pois a modéstia é do que mais se envaidece. O Tone, como é intimamente conhecido, é um homem cujo raciocínio o impõe entre os demais com o devido respeito. Não só para mim, mas como para todos que o conhecem, o título de «Embaixador Ambulante» é o que melhor exprime aquilo que ele é. Dominador profundo da língua inglesa e conhecedor de quase todas as cidades da maioria das províncias do Canadá, especialmente as de Alberta e Colúmbia Britânica, muito tem sido, com efeito, o que ele tem feito pelo imigrante recém-chegado, aquêle que não sabe falar e, por conseguinte, não se sabe defender. Faz o possível e o impossível e jamais ninguém o vê arrependido ou aborrecido pelo tempo perdido; ao contrário sente-se feliz pela ajuda a que foi chamado. Isto só em si é significativo para o considerarmos como «Embaixador Ambulante». Mas o Tone não é só isso. É mais, muito mais mesmo. Enumerar, tudo é impossível pela falta de espaço. Mas só pela razão exposta os amigos de cá são suficientemente bastantes para lhe louvarem as virtudes conhecidas e lhe enalteceram os méritos de que é merecedor.

Bouro pode orgulhar-se de o ter entre os seus filhos mais queridos, pois o Tone Felgueiras é sem dúvida alguma ou favor, um filho exemplar e de conduta irrepreensível.

Nós que cá ficamos a chorar a ausência do amigo, aproveitamos para lhe desejar umas excelentes férias e um ótimo regresso ao Canadá, que ele melhor que nós conhece.

No mesmo avião seguiram, também, Manuel Felgueiras, filho do Snr. Manuel Felgueiras. É, como toda a família que conheço um excelente rapaz, com um futuro promissor.

E ainda o casal Manuel e Custódia, ele de Goães e ela de Bouro, também cá radicados, domiciliados em Saskatoon, onde são estimados pela nossa colónia. A todos desejamos boas-féias.

José Tavares

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Escola Preparatória de Sá de Miranda

Encontra-se afixado no átrio da Escola de Sá de Miranda, o seguinte aviso:

Directores de Turmas

Para conhecimento dos interessados — alunos e seus encarregados de educação — publicam-se por esta forma as informações oportunamente dadas, nas aulas, sobre directores de turmas e dias em que estes recebem:

1.º ANO

1.ª TURMA — DIRECTORA:

D. Maria Céu O. G. E. de Ornelas Nogueira
Recebe às 5.ªs feiras, das 11h às 12h

2.ª TURMA — DIRECTORA:

D. Ana Maria A. Rodrigues de Moura
Recebe às 3.ªs feiras, das 15h às 16h.

3.ª TURMA — DIRECTORA:

D. Augusta Maria da Silva Carvalho
Recebe aos sábados, das 11h às 12h

2.º ANO

2.ª TURMA — DIRECTOR:

Amadeu Filipe Vilhena
Recebe aos sábados das 9h às 10h

2.ª — TURMA — DIRECTORA:

D. Ermelinda Castro e Rocha
Recebe aos sábados das 10h às 11h.

Visado pela C. de Censura

CALAFRICO

(Continuado do número anterior)

ainda mais extraordinária era o facto de eu ser consciente disso mesmo nessa altura. Mas fazia de conta que não; era um antídoto para todas as penas, e eu tinha algumas. Por essa altura estava eu a receber desagradável notícia de casa, onde as coisas não corriam lá muito bem. Mas, ao pé dos meus pupilos, que me importava o que ia pelo mundo? Era esta uma das perguntas que a mim própria costumava fazer durante os meus tristes pensamentos. Sentia-me fascinada pelos encantos dos pequenos.

Para continuar a história: houve um domingo em que choveu tanto e durante tanto tempo que não podemos seguir em procissão para a igreja; em vista disto, como principiava a escurecer, combinei com Mrs. Grose esperarmos, se o dia melhorasse, pelo último serviço religioso. Felizmente a chuva cessou, e eu tratei de me preparar para a nossa caminhada, que duraria uns cinco minutos, através do parque e da boa estrada da aldeia. Quando descia a escada para me encontrar com a minha colega no hall, lembrei-me de um par de luvas que tinha estado ponteando — com uma notoriedade talvez pouco edificante, — sentado ao pé das crianças, durante o chá, o qual costumava raramente, ser servido aos domingos naquele frio e asseado templo de mogno e bronze que era a sala de jantar das pessoas adultas. As luvas tinham aí ficado, e eu voltei lá por elas. O dia estava bastante sombrio, mas a luz da tarde demorava-se ainda, permitindo-me que, ao atravessar o limiar da porta, não somente descobrisse, em cima de uma cadeira, junto da larga janela, fechada então, o que eu buscava, mas também reparasse numa pessoa que me fitava de outro lado da vidraça. Bastou um passo na sala: tive uma visão, rápida, compreendi tudo. A pessoa que me fitava era a mesma que me tinha aparecido já. E ali estava ela outra vez, não direi com uma nitidez maior, pois era impossível, mas com uma proximidade tal que representava um passo mais nas nossas relações, fazendo-me, ao vê-la, suspender a respiração e ficar toda trémula. Era o mesmo, e visto, como da outra vez, de cinta para cima e através da janela, embora a sala de jantar fôsse no rés-do-chão, que não descia até ao nível do terraço onde êle se encontrava. Tinha a cara junto à vidraça, e, no entanto, era estranho: o efei-

to que em mim produzia o facto de o ver melhor apenas servia para me demonstrar quão intensa fôra a impressão que eu colhiera da primeira vez. Demorou-se apenas uns segundos — o tempo suficiente para me convencer de que também me vira e me reconhecera; mas disse-se que eu o estivera olhando anos e que o conhecera toda a vida. Desta vez, porém, deu-se qualquer coisa que se não tinha dado antes; é certo que o olhar dêle, fixo em mim através da vidraça, era tão penetrante e atrevido como da outra vez, mas a verdade é que houve um momento em que de mim tirou a vista e eu pude continuar a segui-lo, vendo-o fitar sucessivamente várias outras coisas. De repente, num novo choque, tive a convicção de que êle não viera ali por minha causa. Viera por causa de qualquer outra pessoa.

Alucilação desta certeza — pois era como que conhecer no meio de um susto — teve em mim um efeito extraordinário, lançando-me, enquanto ali estive, numa súbita vibração de dever a cumprir e de coragem. Digo coragem, porque estava, sem dúvida nenhuma, já muito para além disso. Corri de novo para fora da sala, dirigi-me ao jardim, alcancei o passeio num instante, e seguindo, ao longo do terraço o mais depressa que pude, passei o ângulo do prédio e lancei-me à vista dêle. À vista de coisa alguma agora — o meu visitante havia desaparecido. Parei, ia desfalecendo de alívio; mas compreendi toda a cena — fiquei à espera que aparecesse de novo. Tempo? Mas quanto tempo? É-me impossível hoje dizer com precisão a duração destes factos. A noção de tempo deve ter desaparecido da minha memória; estas coisas não devem ter durado o tempo que agora se me afigura. O terraço e imediações, os maciços de relva e o jardim para além, tudo que a minha vista distinguia do parque estava vazio; eram o próprio vazio. Havia arbustos e grandes árvores, mas lembro-me de ter a absoluta certeza de que êle não estaria atrás de nenhum dêles. Ou estava ali ou não estava: se eu o não via, é porque não estava. Assim me pareceu; depois, maquinalmente, em vez de voltar por onde tinha vindo, dirigi-me a janela. Confusamente, senti a necessidade de me postar onde êle estivera. Assim fiz; aproximei o rosto da vidraça e olhei para dentro da sala, precisamente como êle tinha feito. Neste momento, como se fôsse para me mostrar precisamente o que a vista dêle podia alcançar, Mrs. Grose, tal qual como eu havia instantes, entrou na sala, vinda do hall. Eis como eu tive a nítida repetição da cena que decorrera havia pouco. Mrs. Grose viu-me exactamente como eu tinha visto o meu visitante; deteve-se, de repente, tal qual como eu, o choque que lhe provoqueei a ela com certeza também eu própria o recebera. Empalideceu, o que me levou a perguntar-me a mim mesma se eu teria empalidecido tanto como ela. Fitou-me rapidamente, e recuou, seguindo

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Foi grande a tarefa do Ministro das Obras Públicas ao percorrer os concelhos do Norte para se inteirar das suas necessidades e da forma de as resolver com a brevidade que algumas exigem. Chegou Amares já com a cabeça cheia de pedidos e talvez com folhas de papel cheias de apontamentos. Em Amares encontrou as mesmas demonstrações de regosijo que lhe prestaram todas as terras. A sua presença não resolvendo tudo mas resolveu muitas coisas que o não seriam rapidamente se ele in loco não as verificasse. Talvez que as muitas coisas a pedir de grande importância levassem a ser esquecidas outras que muito concorriam para o bem estar de todos os habitantes do concelho de quem se precisa para muitos trabalhos que se não fazem por falta de gente válida que desaparecem para outros países aonde encontram tudo que na terra não tem... e mais alguma coisa bem visível aos olhos de quem vê chegar às terras os emigrantes franceses, belgas, luxemburgueses, alemães e canadianos.

Com essa precipitação não se sabe o que será feito ao lugar dos Guiames que tanto interessa às duas localidades sempre em discórdia de opiniões.

Não se sabe se os abrigos para passageiros de camionetes projectados para a Feira Nova e Amares serão um dia construídos e se as O. P. declinam da exigência das plantas que constam mais do que os abrigos. E por fim sobre quando é que o concelho será totalmente electrificado para as terras se desenvolverem e o povo instruir-se e divertir-se com a T. V. Já não falaremos da ponte de Ancede porque Navarra pertence ao concelho de Braga e era de lá que o pedido devia ser feito embora essa freguesia esteja chegadoinha ao concelho de Amares de quem depende muitas vantagens comerciais. O Ministro nada disto teria visto e se lhe foi pedido, os jornais não o disseram o que foi pena, porque o público gosta de andar informado porque concorre com os seus dinheiros para as despesas do paiz e já deram mais, muito mais, do que aquilo que agora pedem em reconversão. O tempo passa e a esperança não desfalece esperando que um dia os vivos desse tempo roguem bem pela alma dos mortos que morreram lutando pela felicidade do povo da província.

Indústria de camisas para homens

A Inglaterra comprou a Portugal no ano 70 dois milhões de contos de camisas. Relata um jornal Inglês a satisfação do povo Britânico por encontrar no mercado um produto bom e barato. Superior em qualidade e inferior em custo em relação às camisas Italianas e Espanholas que por lá aparecem em grandes quantidades. Diz o mesmo jornal que se os padrões das camisas portuguesas fossem variados como são os das camisas das duas outras procedências, as vendas passariam para o dôbro. Não só na indústria de tecidos mas em muitas outras, Portugal tem conquistado mercados que muito honram o país, canalizam muitas divisas e dão em Portugal emprego a muita gente.

A fuga do trabalhador do país revela vários aspectos e entre eles o principal é a sua falta de especialização. Mas qualquer indivíduo, tenha ou não habilitações, encontra um país de moeda forte. O que nós precisamos é de pensar em proteger a natalidade infantil para deixar ir por esse mundo a raça portuguesa bem creditada já antes deste surto de progresso que se vê em Portugal e que muita gente desconhece ou finge desconhecer para se deminuir se no estrangeiro não guardar conveniências e respeito por si próprio como filho de uma Pátria que acordou tarde, que custou a aperceber-se do valor e das possibilidades do talento do homem português em qualquer campo que seja desafiado. Os dirigentes que agora aparecem para salvar a sua própria Pátria que tantos anos viveu de teorias e retóricas, ainda ressurgiram das cinzas fragmentos que formaram nova vida, levantando o país do descrédito em que se encontrava. Que o equilíbrio das forças conjugadas traga a firmeza do bloco são os votos de todos os portugueses que Amam Portugal.

Elísio Gonçalves

A quem pertence?

Numa rua desta Vila foi encontrado um relógio de pulso de homem que se encontra em poder da Menina Maria da Conceição Rodrigues, do Lugar Novo, que o entrega a quem provar pertencer-lhe.

Aniversários

Fazem anos:

Hoje a sra. D. Maria Angelina Azevedo Dias.

No dia 12 o sr. António da Costa Abreu Dias, funcionário da C.P.E. no Porto e o sr. Artur Dias.

No dia 13 o sr. António Bento Dias, a menina Maria Ester Machado e a menina Dorinda da Silva Martins.

No dia 14 o sr. Acácio da Rocha Barbosa e o sr. António Manuel Nogueira de Almeida, Brasil.

No dia 15 o sr. Joaquim Incílio Monteiro e o sr. Manuel Janela.

Neste dia passa também o aniversário do menino Jaime Manuel Azevedo Dias filho do sr. Jaime de Abreu Dias e da sra. D. Mariett Barros Azevedo.

No dia 16 a menina Georgina Dias Portela de Magalhães.

No dia 17 o sr. Armandino de Abreu Dias, Chefe de Finanças, em Braga.

* * *

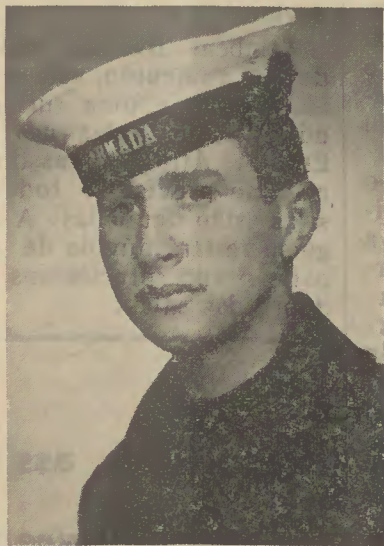
Ontem, dia 10, passou mais um aniversário natalício o sr. Henrique Nascimento Antunes nosso assinante residente em Lisboa.

Seus familiares aqui residentes felicitam-no e desejam-lhe que esta data se repita por muitos anos.

Aniversário

Hoje dia 11, passa mais um aniversário o sr. Porfírio Augusto da Cunha Antunes, aprendiz gráfico nas nossas oficinas. Seus colegas desejam-lhe que seja muito feliz este dia junto de seus pais e que esta data se repita por muitos anos.

Amanha festeja também o aniversário sua irmãzita Glória da Cunha. Para os dois Tribuna Livre deseja muitas felicidades, e muitos e felizes anos de vida junto de seus queridos pais.



Falecimento

Patrocina Meireles Dias

Foi sepultada na passada sexta-feira, dia 3, a sra. D. Patrocina Meireles Dias, Mãe extremosa do sr. José de Abreu Dias, funcionário da Sonap desta vila.

Contava 83 anos de idade e era viúva, há muitos anos, do sr. Manuel Abreu Dias.

O seu falecimento, embora já esperado, causou certa emoção cá na vila onde a «Patrocina» da Lage», como desde pequenino a conhecíamos, era muito estimada e conhecida, não só pela família a quem pertencia como pela sua maneira de ser: simples, amiga de todos e para todos tinha um conselho amigo.

Amiga da família até ao extremo, sempre pugnou pela honradez, e até ao fim da sua vida, com trabalho honroso e honesto, tentou amellar um pouco para ficar menos pesada a quem tinha de suportar os seus últimos dias.

Morreu sem que nada lhe faltasse material e espiritualmente.

Foi a enterrar. Que Deus receba a sua alma no Seu Reino.

À Família em luto, especialmente ao seu filho José Abreu Dias, Tribuna Livre apresenta sentidos pêsamos.

DIRECÇÃO ESCOLAR DE BRAGA

CONCURSO

De 16 a 20 do corrente mês estarão patentes ao público, na Secretaria da Direcção Escolar de Braga, para consulta dos interessados, as listas graduadas dos professores candidatos ao concurso de escolas, anunciado no Diário do Governo de 16 de Novembro findo.

Sobre este assunto não se prestam informações telefónicas e as reclamações que venham a ser feitas, terão de ser entregues na mesma Direcção até ao dia 20 do corrente.

Aniversário do JORGE

Na próxima segunda-feira passa o aniversário do Narciso Jorge de Azevedo Gonçalves, recentemente incorporado na Marinha de Guerra Portuguesa.

Suas manas desejam-lhe que passe um dia muito feliz, que estude e singre na carreira que escolheu, e com um abraço auguram-lhe que esta data se repita por anos sem fim.

Tribuna Livre deseja também ao Jorge as maiores venturas na nova carreira, e felicita-o vivamente pela passagem das suas 17 primaveras.

Caçada fértil

Na passada quarta-feira, por volta das 17 horas, via-se em frente à Modelar grande aglomerado de pessoas. Ao aproximarmo-nos também por curiosidade deparou-se-nos um espectáculo deveras surpreendente: Um automóvel enfeitado com 303 peças de caça entre coelhos, lebres, pombos e perdizes. Local da matança — Alentejo; cá pelo Norte nem tantas peças devem existir. Autores da proeza: Dr. Paulo Macedo, Dr. Abel Prieto, Manuel Lopes, Ramiro Antunes e um amigo íntimo da equipe.

Ao vermos tudo aquilo e pensar que cá para cima não há caça, ficamos a pensar se não iria tudo para o Sul tocado pela canção de certa artista que actuou há 3 anos no Grande Prémio da T. V. e que dizia «O vento do Norte passava etc...»

Aniversário

No próximo dia 25 festeja o seu aniversário natalício o sr. José António Almeida Abreu, actualmente residente em Lisboa, aonde exerce a sua profissão.

Seus familiares e uma pessoa amiga deseja-lhe que passe um aniversário muito feliz e que esta data se repita por muitos e felizes anos.

Falecimento

Na sua casa de residência, faleceu, sem que nada o fizesse prever, o sr. Avelino da Silva, abastado proprietário no lugar da Ponte do Porto, freguesia de Prosêlo deste concelho, casado com a Senhora D. Maria Almeida Arantes.

Desde sempre assinante de «Tribuna Livre» pertencia a uma ilustre família de S. Paio de Seramil e pelo casamento uniu-se a uma das mais distintas famílias cá do meio.

O funeral para a sua terra natal foi bem uma prova de quanto era estimado e respeitado pois que centenas de pessoas de todas as camadas sociais quiseram desde a Ponte do Porto até S. Paio de Seramil, prestar-lhe as últimas homenagens.

À ilustre família em luto, especialmente ao sr. José João, funcionário superior no Registo de Automóveis do Porto, e ao sr. Octávio P. Machado, chefe de Finanças em Braga, Tribuna Livre apresenta os protestos do mais profundo pesar.

Visado pela C. de Censura

Verdade sem lógica

— Não se conta o futebol entre as actividades que a pura ciência domina. Numa época em que já é possível acertar com uma cápsula espacial num ponto previamente escolhido da Lua, depois de uma viagem de milhares de quilómetros e de superar as milhentas dificuldades do voo espacial, não se pode ainda saber, com antecedência, se uma equipa, por mais forte que seja, vencerá outra, sabidamente mais fraca, ou se determinado clube «tomba-gigantes», de créditos firmados, irá manter a sua tradição e fazer perigar um dos favoritos.

Por isso mesmo, na décima jornada do Campeonato Nacional de Futebol todo o interesse se centrava no que aconteceria aos «dois maiores», essas superpotências do nosso futebol.

O Atlético, que «fizera sangue» no Porto e em Coimbra, parecia muito capaz de arrelhar o Benfica. E o seu guarda-redes, Carvalho, que continua, no íntimo, a ser sportinguista ferrenho, preparava-se para deixar a seco o ataque do Benfica. Afinal, com toda a sua bela entrega à luta, o atlético limitou-se a ser um adversário animoso, que nunca virou a cara, que lutou até ao fim do jogo. Mas o que não conseguiu foi, em especial na segunda parte, igualar a velocidade de lances do Benfica, que chegou aos 5-1. E Carvalho, por mais defesas difíceis que fizesse, não poderia nunca evitar quatro dos golos que sofreu, embora no terceiro se possa alegar que se lançou tardiamente.

Por outro lado, ia visitar o Sporting a equipa-sensação deste campeonato, que estava — e está — no quarto lugar depois de uma carreira até certo ponto sensacional, com um empate arrancado na Luz e outras proezas de vulto. E previa-se uma surpresa, que, à força de ser esperada, nem surpresa seria.

Neste jogo, a força foi diferente: A CUF montou um bom sistema, mas o Sporting não lhe ficou atrás. Se os visitantes escalonaram a defesa e povoaram o meio-campo, para dificultarem a actuação dos lisboetas, estes pelo seu lado, tomaram uma precaução: deram a Caló a tarefa de marcar estreitamente Arnaldo, o elemento da CUF que mais jogos tem resolvido. A primeira meia hora foi de pura apreciação, com as duas equipas a tentarem impôr o seu sistema. No quarto de hora que precedeu o intervalo, o Sporting aumentou de domínio — e na segunda parte, com Marinho no lugar de Lourenço, aumentou também a velocidade, para obter três golos e falhar outros. nunca a CUF perdeu o interesse pela luta e o engodo pelo golo, mas os seus esforços pouco êxito poderiam ter.

Não houvera surpresas, assim, nem para o Benfica nem para o Sporting. Mas em todos os outros encontros, já as certezas matemáticas ruíram como castelos de cartas.

O Guimarães, incerto como tem andado, encontrou capacidade para impôr ao Setúbal o empate a um golo. E nem sequer houve apenas sorte do lado dos vimaranenses: jogaram melhor do que os setubalenses, pois estes é que quebraram em relação ao seu normal. Há verdade no resultado, que talvez não tenha lógica. Pior, porém, foi o que aconteceu em Coimbra, onde o modesto Beira-Mar lutou de igual para igual na primeira meia hora, com um golo obtido aos 15 minutos, e depois opôs boa táctica à superioridade da Associação Académica, que dominou muito mas perdeu calma ao entrar na grande área do adversário. Foi surpresa o resultado, mas adapta-se ao que se passou. Outra surpresa sofreu o Futebol Clube do Porto, ultimamente a ressurgir do seu apático começo de temporada. O Farense não só aguentou o embate dos visitantes como conseguiu superiorizar-se, em largos trechos do jogo, mostrando melhor futebol e impondo um empate sem golos, já que a defesa portista foi o único compartimento que correspondeu à melhoria recente da equipa.

E que dizer da derrota do Belenenses, que foi defrontar o Boavista às Antas? Voltou vencido por 2-0 e o inesperado resultado até levou os seus jogadores a picardias e desaguizados que fizeram o árbitro mostrar a muitos o tal «cartão amarelo» que anuncia uma possível expulsão se o visado não reentrar na linha acertada. Lógica, neste resultado, só a encontrará Joaquim Meirim, que do Belenenses safu pouco à vontade e treina agora a turma do Boavista.

Ao fim e ao cabo, só poderia considerar-se natural o empate, 1-1, entre o Leixões e o Tirsense, embora o primeiro, normalmente, tenha equipa de mais rendimento. Mas a lógica foge ao saber-se que, a partir dos 34 minutos, o Tirsense actuou com dez jogadores, por expulsão de um defensor.

Assim, em oito encontros, houve resultados que corresponderam à verdade, mas fugiram à lógica. E não pode o público deixar de recordar o homem que ainda há pouco, baseado no que diz saber, veio afirmar que as equipas vão precisar, ao lado do treinador, de um bom técnico de astrologia, que saiba exactamente se a conjunção dos astros aconselha ou não a inclusão de determinado jogador...

Já que não há lógica, que haja astrologia, para se calcularem previamente, e com acerto, os resultados dos jogos.

Juventude de uma anciã

Completa 96 anos de idade no dia 19 do corrente a senhora D. Adelina Feio Fajardo Marques Rego, viúva do fundador da Farmácia que ainda hoje existe na Feira Nova, sr. Augusto Marques Rego.

As suas perfeitas faculdades féricas nunca exigiram que recorresse à sua botica para tratar de qualquer enfermidade. A Sua extrema bondade tornou-na credora do maior respeito e estima e consolida a nobreza da família Feio, de Vila Verde, de onde ela é natural e aonde ainda existem parentes desse frondoso tronco como seja o actual presidente da Câmara, sr. Fausto Feio que chegaria, pelo seu talento, para glorificar e honrar toda essa pleiade de nobreza. Ainda que o nome do seu marido não estivesse perpetuado numa das artérias da vila que ele serviu com honra e sacrifício, chegariam as qualidades dessa veneranda mulher e Senhora para receber as felicitações numerosas de toda a gente de Amares, no dia do seu aniversário que Deus permitirá que se repita.

Inauguração da cantina da Escola Preparatória de Sá de Miranda

Foi inaugurada, na passada segunda-feira, a cantina da Escola Preparatória de Sá de Miranda, uma das grandes aspirações da massa estudantil que ali recebe o ensino secundário.

Numa ampla sala, com mobiliário e maquinaria arranjada com muito boa vontade e muita dedicação, passaram a receber o almoço cerca de meia centena de alunos, a preço realmente convidativo.

Tivemos ensejo de assistir a uma dessas refeições e ficamos deveras agradavelmente impressionados.

Interessante se pudesse alargar-se o âmbito da cantina a toda a população escolar da Vila, instrução primária, 5.ª e 6.ª classe. É certo que tal empreendimento não pode viver sem a ajuda superior mas estamos certos que ela vai surgir como é devido.

Também tivemos notícia de que aumentou, esta semana, com mais uma turma, o número das aulas na dita Escola. Atingisse assim o máximo previsto e todas as salas estão ocupadas. A ninguém restará dúvida de que para o ano precisamos do dobro das salas.

Leia,

Propague e assine

«Tribuna Livre»

Política de Traição

(Continuado da 1.ª página)

Governo central.

É evidente que a solidez da grande nação sul-africana não corre qualquer perigo. Mas o que deve considerar-se estranho, e até absurdo, é que a teoria da «coexistência pacífica», apesar de todas estas provas continui também inabalável.

O movimento agora denunciado na África do Sul é mais um capítulo da luta contra a presença do branco na África Austral. Os métodos empregados são os usuais: penetração comunista e organização de guerrilhas, os mesmos empregados noutros países africanos e da América do Sul, para não falarmos da Europa, onde já se reconheceu a influência comunista na luta sangrenta que opõe irlandeses protestantes contra irlandeses católicos e contra a presença inglesa na Irlanda

do Norte.

Nas suas declarações, o primeiro-ministro Vorster desse haver provas da actividade do partido comunista sul-africano e recordou ser este partido um dos mais antigos do Mundo. Segundo o estadista sul-africano os Estados Unidos publicaram em 1947 uma lista dos quinhentos mais perigosos militantes comunistas mundiais e nada menos do que quarenta e nove encontravam-se na África do Sul. Não é natural que tenham permanecido inactivos ou o número tenha diminuído.

As leis sul-africanas contra o comunismo são duras, e a polícia é eficiente. São estes os meios de que dispõem as nações ordeiras para se defenderem da «coexistência pacífica», tão do agrado das grandes potências...

Arranquemos para o progresso

Agora que as estruturas estão completas

(Continuado da 1.ª página) urbanização, arruamentos e expropriações.

Na sua última palestra o Senhor Presidente do Conselho abordou esse problema candente, e não tardou a agir pois já o Diário do Governo publica o decreto aprovado pelo último Conselho de Ministros sobre Urbanização e sobre o que é principal, a tão falada «Política dos Solos».

Tudo se vem conjugando para uma política muito activa de fixação das populações autóctenas nos meios rurais, como o mais eficaz meio de pôr travão, é o termo, à emigração que tanto nos empobrece e avilta aos olhos estrangeiros.

Não há dúvida que é através duma desenvolvida urbanização e de um laborioso fomento da habitação, que esse objectivo mais rapidamente pode ser atingido.

Muita coisa tem sido feita pelo Estado em facilitar a construção urbana, quer por si, quer por intermédio das Caixas de Previdência Acontecia, porém, que muita coisa de ordem burocrática deixava por terra grande parte dos benefícios legislados.

Citamos como exemplo do que se passava com o financiamento para a construção de casas para trabalhadores, sócios das Casas do Povo.

Aos sócios das Casas do Povo era emprestado o dinheiro quase sem juros, mas era-lhe exigido que tivesse o terreno. Resultado: era-lhe dado o melhor mas não havia o principal.

Se lhe fosse dado o terreno só, muitas mais casas teriam sido construídas.

É que os trabalhadores

não conseguiam o terreno, nem as próprias Câmaras os podiam auxiliar neste aspecto.

Tudo mudou agora.

O que é necessário é acção. Que peque a Câmara por exagero, mas nunca por acanhamento ou tacahez, são os nossos votos.

5.ª COLUNA

te especial do presidente Nixon, e perante as suas declarações a actual sessão do G. A. T. T. perdeu interesse. Com efeito, por duas vezes, Eberle anunciou que os Estados Unidos desejavam alargar a conferência ministerial do grupo dos dez, na próxima semana em Roma, as questões comerciais, incluindo a agricultura.»

Haveria comentários a fazer. Mas eles ficam sempre à conta do meu Leitor. Quanto ao pouco trabalho que desta vez tive, também é justo, vez em quando, espreguizar-me.

Não é verdade. Leitor?

EME ABRIL

Natal dos portugueses em Paris

No Natal dos emigrantes portugueses, que se realiza a 14 de Dezembro na sala Pleyel, em Paris, com a apresentação de Artur Agostinho, colaboram os artistas Artur Garcia, Fátima Morais, Lenita Gentil, Maria de Lurdes Resende, Tony de Matos e Tino Costa bem como a Orquestra de Claud Normand, dirigida por Tavares Belo.